

AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

GONÇALVES, Sueli Silva da Mota¹

MOURA, Maria Aparecida da Silva²

SILVA, Angélica Alves da³

SILVA, Elaine Alves da⁴

SILVA, Eliane Aparecida Rocha⁵

SILVA, Marinete Miranda da⁶

RESUMO

Este trabalho é resultante da pesquisa de abordagem qualitativa realizada com o objetivo de analisar como se dá a relação de afetividade entre professores e alunos em salas de alfabetização de uma escola pública municipal de Juara-Mt. Para isto buscamos compreender quais os problemas causados pela falta de afetividade entre o professor e o aluno e ainda como a afetividade é abordada no projeto político pedagógico da escola pesquisada. A pesquisa desenvolvida aconteceu em três fases na primeira a pesquisa bibliográfica acerca da temática em livros existentes na biblioteca da UNEMAT, Campus de Juara e a artigos, teses e dissertações disponíveis na internet. A segunda fase consistiu na pesquisa de campo, momento da coleta de dados envolveu análise documental, questionários voltados para as professoras de alfabetização da escola campo. A terceira fase resultou neste trabalho que é a sistematização da pesquisa bibliográfica e dos dados coletados que foram analisados com base no aporte teórico estudado. Este estudo demonstra que a afetividade é um elemento essencial no processo ensino e aprendizagem, pois a falta de afetividade no ambiente escolar pode ocasionar dificuldades tanto para os alunos como para os professores, dificultando a ação pedagógica, pois o professor muitas vezes passa a considerar o aluno como indisciplinado, não participativo e até mesmo alheio às ações desenvolvidas em sala de aula.

Palavras- Chave: Afeto- Interação Professor/aluno- Psicologia Educacional.

¹Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: mouramaria07@gmail.com.

²Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email:motajuara@outlook.com

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso Email:Angelicajuara@hotmail.com

⁴Professora na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: elhany-a@hotmail.com

⁵Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email:elianeapsrocha@gmail.com

° Técnico de Desenvolvimento Infantil na Creche Municipal Thayná Gabrielle Oliveira de Moraes. Email: MarinetyMiranda@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A proposta desta pesquisa se deu em razão da importância da afetividade entre o professor e aluno no ambiente escolar, como elemento facilitador no processo de ensino e aprendizagem.

No desenvolvimento das atividades práticas do curso de Pedagogia, por meio do contato direto com a realidade escolar percebemos algumas atitudes por parte de alguns professores e alunos, que podem ser consideradas como limitadoras de uma relação de afetividade. Entre essas atitudes limitadoras, destacam-se a falta de diálogo entre ambos, a falta de compreensão das dificuldades apresentadas pelo aluno, o respeito ao tempo do aluno, a percepção de que a ausência do diálogo e a incapacidade de perceber as especificidades de cada aluno podem alterar o estado, o pensamento e ainda influenciar no comportamento agressivo em determinadas situações, o que pode prejudicar o processo de ensino e aprendizagem.

No cotidiano escolar em algumas situações observadas, notamos a falta de afetividade, a falta de diálogo e ainda a baixa autoestima dos alunos, pois em muitos casos os professores se preocupam mais com o desenvolvimento cognitivo da criança e esquecem-se dos aspectos afetivos.

A afetividade é um fator positivo para a independência, a competência e ainda a autoconfiança da criança, e quando o professor estabelece esta relação com seus alunos, ele passa a perceber o quanto a afetividade é importante e faz a diferença no processo ensino e aprendizagem. Ao brincar, ouvir e entender seus alunos pode garantir um equilíbrio entre o conhecimento e a capacidade de seus alunos se tornarem autônomos. É na fase da infância que os vínculos afetivos são mais nítidos, visto que através da afetividade o desenvolvimento do ser humano evolui e se transforma.

Na infância a criança se adapta ao meio em que vive, e através das experiências vivenciadas ela muda o seu modo de pensar e agir. Na escola existe um elo forte de ligação da criança com novos conhecimentos e de interação com os sujeitos da escola, em especial com o professor. As ações e interações com este meio oportunizam o desenvolvimento tanto cognitivo como afetivo, pois cada professor, seja ele como for, deixará marcas registradas na vida de seus alunos.

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida das gentes, o professor mal amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista nenhum deles passam pelos alunos sem deixar sua marca. (FREIRE, 1996, p. 76)

A prática pedagógica do professor é significativa, principalmente, quando envolve atividades coletivas. Contudo, é importante destacar que a criança em toda e qualquer situação vivenciada utiliza aspectos cognitivos e emocionais. Por meio da emoção, do afeto, do respeito.

As interações com o meio e com os outros também promovem a construção de novas ideias, portanto, as oportunidades de interação professor/aluno, aluno/aluno se configura em um elemento essencial para o desenvolvimento infantil.

1. AFETIVIDADE E O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Neste capítulo apresentamos uma abordagem conceitual acerca da afetividade e suas contribuições no processo de ensino e aprendizagem.

A aprendizagem ocorre de forma natural em nossas vidas, aprendemos desde que nascemos de forma natural. Quando as crianças ingressam na escola trazem um conhecimento pré-estabelecido, cultural, nesse momento entra em cena o trabalho do professor que irá propor alternativas para adequar os conteúdos às necessidades particulares de cada aluno.

Na sociedade contemporânea o sistema escolar estabelece ao professor a sua função, como um auxiliar aos alunos, ele não pode “podar” o aluno, precisa deixá-lo interagir e expor suas críticas que serão construtivas aos demais. Eles não aprenderão por meio da mera reprodução, pois em uma concepção progressista de educação a criança não deve ser considerada como depósito de informações, mas, sim participante ativo de sua própria aprendizagem.

Hoje com a tecnologia avançada o professor encontra apoio pedagógico na internet com rápidas informações, podendo com este meio diversificar os procedimentos metodológicos a fim de despertar no aluno o interesse pela aula.

Para ganhar a admiração de seus alunos o professor precisa valorizá-los em um processo envolvente e desafiador, levando-os a perceber a capacidade de construir um conhecimento autônomo.

1.1 Relações Interpessoais no Processo Ensino e Aprendizagem

A articulação entre afetividade e aprendizagem deve estar contida em todos os momentos, o professor não pode usá-la apenas como uma alternativa de diferenciar, mas sim como um instrumento de apoio em sua metodologia, explorando os mais variados métodos de ensino mediante às atividades de confronto e questionamentos que remete a valores, ele precisa promover o aprendizado mútuo, revelar diferentes saberes construídos no tempo, respeitar o momento de conhecimento de cada aluno, buscar motivações, enxergar o aluno na sua totalidade.

Na medida em que encontramos professores compromissados na escola, visualizamos a relação interpessoal, caracterizada pelas relações de afinidade com seus alunos, o que contribui no processo de aprendizagem.

Segundo Mosquera e Stobäus (2004, p. 92), “grande parte dos problemas que as pessoas têm provêm de sua própria pessoa ou da relação que estabelece com as outras pessoas”. Assim, no espaço de sala de aula a relação afetiva e dialógica entre o professor e seus alunos é o que garante um desempenho escolar saudável.

Na escola as relações interpessoais devem estar equilibradas, caso contrário faltará motivação e o trabalho em equipe ficará prejudicado. A escola é um centro de referência para a criação da personalidade dos alunos devido a importância que lhe é dada pela sociedade. Sua função é preparar os alunos para a vida social, por meio de reflexões que permeiam entre ensinar e aprender, motivadas pela interação entre os sujeitos de diferenciadas culturas, e ainda pela afetividade entre o professor e seus alunos.

Mosquera e Stobäus (2004, p.93) alertam que: “Grande parte dos problemas que um docente enfrenta podem ser provenientes de um ambiente hostil, podendo este se tornar ainda mais hostil quando se trabalha com pessoas diversas”.

Havendo dessa forma a necessidade de aceitar e conviver com as diferenças das demais pessoas e respeitar as opiniões alheias, nem sempre as pessoas agem como gostaríamos que agissem, porém cada um age da forma que lhe é mais conveniente.

Quando o professor e o aluno optam pela educação como prática libertadora, os horizontes se abrem e a educação será prazerosa, em um espaço onde se preze pelo diálogo, para resolver os problemas e as dúvidas.

Mosquera e Stobäus afirmam que:

Frequentemente nos custa muito parar para ouvir os outros, estamos muito mais preocupados em que nos ouçam, porém pouco dispostos a ouvir. Ouvir os outros e aprender a vê-los como são realmente, é fundamental para as relações interpessoais, em especial para os professores, que devem estar muito atentos e poder, assim, agir melhor na realidade. Outro aspecto que aparece como pano de fundo do que estamos colocando é que nos acostumamos a viver com as máscaras que colocamos em nós mesmos e nas outras pessoas. [...] Às vezes esta máscara é tão imponente que passamos a senti-la tão grudada à nossa pele que parece que temos esta outra pele. Voltaríamos a perguntar: que tipo de disposição temos para ouvir, para ver, como pré-requisitos para atuar? (2004, p. 97).

O ato de aprender é concebido pelas ações conjuntas, onde todos expõem suas ideias por meio de um diálogo aberto, visto que não se ensina sem aprender, a aprendizagem torna-se mútua. Segundo Grillo (2004, p. 79):

Todo aluno traz para sala de aula uma história pessoal, com experiências particulares vividas na família, na sociedade, com disposições e condições diversas para realizar seu percurso de estudante, e expectativas diferenciadas com relação a um projeto de vida.

No respeito à diversidade e especificidade de cada aluno ocorre a valorização das experiências vivenciadas. Neste processo, o professor interage diretamente com o aluno.

Cada sujeito que atua no espaço escolar deve se atentar para sua função na escola e atuar de forma contribuinte para a qualidade do ensino, através de relações interpessoais, harmônicas e democráticas, pois quando o trabalho é feito coletivamente o desempenho alcança uma máxima eficiência.

A reflexão dos conteúdos ministrados em sala gera um relacionamento interpessoal, onde o aluno constrói uma representação de si, como um indivíduo capaz, pois se o mesmo se definir como incapaz começará a busca pelo culpado que por muitas vezes será o professor e sua metodologia de ensino. Para Freire (1996, p. 104), “A autoridade docente mandonista, rígida, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se”.

O desempenho do aluno é o resultado de sua interação com o professor, se esta relação interpessoal não flui, infelizmente, o aluno não terá um bom desempenho escolar. O sucesso do aluno depende da formação de vínculos afetivos positivos.

Com um ensino afetivo, o aluno se conscientiza e se humaniza acreditando em si desenvolvendo assim suas potencialidades. Nóvoa (1999) diz: “Os professores não são anjos nem demônios. São apenas pessoas (e já não é pouco!). Mas pessoas que trabalham para o crescimento e a formação de outras pessoas.

O professor deve fazer com que o aluno sinta prazer em frequentar a escola. A sala de aula deve ser um ambiente acolhedor e desafiador onde exista uma relação de confiança, respeito tornando-se um ambiente alegre e motivador.

1.2 Afetividade e Aprendizagem

No Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade está definido da seguinte forma:

“Psicol. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.” Os estados afetivos fundamentais são as emoções, os sentimentos, as inclinações e as paixões.

A afetividade nos dá subsídios para compreender todos os estados que apelam as sensações de prazer ligadas a totalidades agradáveis ou

desagradáveis, que refere-se à disposição dos alunos. Num apropriado comentário de Chardelli (2002, p.18):

A todo momento, a escola recebe crianças com auto estima baixa, tristeza, dificuldades em aprender ou em se entrosar com os coleguinhas, e as rotulamos de complicadas, sem limites ou sem educação e não nos colocamos diante delas a seu favor, não compactuamos e nem nos aliamos a elas, não as tocamos e muito menos conseguimos entender o verdadeiro motivo que as deixou assim. A escola facilita o papel da educação nos tempos atuais, que seria construir pessoas plenas, priorizando o ser e não o ter, levando o aluno a ser crítico e construir seu caminho.

Para compreender as disposições do aluno, o professor precisa construir situações que priorizem as vontades do aluno, estabelecendo relações de afetividade, por meio de sentimentos e atitudes que permeiam o ambiente em que esta criança se insere, pois são as relações positivas da criança com os outros e com o meio que irá moldá-la, enquanto adulto motivado e com personalidade pessoais, diferente e própria.

No processo ensino aprendizagem é importante que a criança construa suas ideais tendo o professor como mediador do aprendizado. Casassus (2009, p. 204) esclarece que a educação também resulta das relações que são construídas entre professores e alunos, e afirma que “[...] a aprendizagem depende principalmente do tipo de relações que se estabelecem na escola e na classe”. Complementa que a prática docente é tanto cognitiva como afetiva e que:

A compreensão emocional que surge quando os professores estabelecem vínculos com os alunos e fazem desses vínculos o suporte da aprendizagem cria condições propícias para a aprendizagem e para resultados acadêmicos de alto nível, gera sentimentos de satisfação e bem-estar profissional nos professores, transforma a tarefa educativa numa aventura comum, vitaliza os fazeres do ensinar. (CASASSUS, 2009, p.214):

Na fase escolar a criança constrói os conceitos de cidadania. Para isto é preciso oportunizar a liberdade de escolha, participação, respeito e diálogo, o que eleva a autoestima do aluno e modifica a percepção do docente, acerca de quem é o aluno com quem lida todos os dias, como é o seu dia-dia, a sua história de vida, os seus sonhos, as suas vontades, os seus medos, as suas dúvidas. Os Parâmetros Curriculares Nacionais alertam sobre a necessidade de a escola trabalhar e promover a participação:

A participação é um princípio da democracia que necessita ser trabalhado: é algo que se aprende e se ensina. A escola será um lugar possível para esta aprendizagem, se promover a convivência democrática no seu cotidiano, pois aprende a participar participando. No entanto, se a escola negar aos alunos a possibilidade de exercerem essa capacidade, estará ao contrário ensinando a passividade, a indiferença, a obediência cega, participação do convívio escolar

ganha amplitude, a fim de tornar a escola como um espaço de atuação pública dos alunos. (BRASIL, 2000, p.59)

É importante que o aluno seja visto como um aprendiz que pode criar, inventar, inovar e buscar. Para que este descubra o quanto é necessário esta busca de novos conhecimentos, portanto muitas vezes o professor necessita se reeducar, entender que eles são uma das referências da criança, e constantemente precisa mudar suas metodologias e estratégias de ensino a fim de contextualizar os conteúdos formativos, levando em conta a realidade das crianças. Planejando atividades atrativas que desafiem os alunos e estimulem a participar efetivamente da aula. Neste sentido Saltini (2008, p. 69) explicita que:

O educador não pode ser aquele que fala horas a fio com seus alunos, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com eles, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem esta capacidade de gerar ideias, e colocá-las a serviço de sua própria vida.

Valorizar e trazer para a sala de aula a realidade dos alunos, é mostrar que apesar de diferenças de classe, de opção sexual somos todos seres humanos e que antes de falar mal de algo que não conhecemos é necessário entender o porquê das coisas serem da forma que são. Fazendo com que sejam identificados problemas e maneiras de como solucioná-los. Adotando esta metodologia o professor e alunos da turma passam a se conhecerem mais e ainda estabelecem com isto o respeito entre si.

Ir a escola pode ser estressante quando os saberes não são contextualizados e significativos para os alunos. Eles não querem e nem devem ser apenas receptores de informações desconectadas da realidade em que estão inseridos. Os alunos precisam ser participantes, pensantes. Só há aprendizagem mútua, quando todos expõem suas dúvidas e experiências reais.

Antunes (2008) destaca que o aluno é perfeitamente capaz de construir seu próprio conhecimento, a não ser que esse conhecimento seja transmitido mecanicamente, o qual não se traduzirá em conhecimento significativo. Afirma também que na trajetória da construção da aprendizagem, o professor assume um papel fundamental como mediador deste processo.

A falta de afeto dos pais, dos professores, dos amigos, acaba sendo refletida na escola. É diferente a atitude de uma criança que sofre por falta de atenção, carinho e compreensão. Muitas vezes ela se irrita facilmente, não interage com os outros, é indisciplinada e o pior, torna-se em alguns casos, agressiva.

O respeito e a diferença iniciam nos primeiros anos, para que no futuro haja a compreensão de diversidade, liberdade, fraternidade.

De acordo com Moysés (2001, p. 39):

Para aquela criança que, no entanto, duvidar de sua capacidade de enfrentar as exigências escolares com sucesso e ostentar níveis baixos de

autoestima, o novo espaço irá se apresentar como um campo de batalha a aumentar suas feridas. A escola passará a ser sinônimo de sofrimento. Ali entrará acreditando ser impossível a tarefa de proteger seu sentimento de autovalorização. É este tipo de criança que em geral, apresenta as maiores dificuldades em se sair bem dos estudos.

Quando a criança passa a duvidar de seu próprio sucesso escolar a sua autoestima cai e a escola passa a ser um ambiente ruim e desagradável. Neste processo cabe ao professor, dar suporte à criança para que ela supere esta situação e passe a acreditar em si mesma e sinta prazer em ir à escola. Ao compreender que esse espaço é um ambiente acolhedor, e que ao entrar para a sala de aula encontrará um professor capaz de ajudá-lo, verá nele mais que um regente de aulas e sim um amigo, parceiro no qual ele pode confiar.

É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitado seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir a fala das crianças, compreendendo o que elas estão querendo comunicar fortalece sua autoconfiança. (BRASIL, 2000, p. 30)

Quando há muita autoridade por parte dos professores, de imediato surgirá na criança certa insegurança, medo, revolta e muitas vezes isto acaba por levar a evasão escolar. Mesmo que a escola tenha suas regras de funcionamento ela precisa criar espaço para a participação, o diálogo e reflexões dos alunos.

A escola essencial para a atualidade deve se preocupar com a formação integral do aluno. Neste sentido cabe aos educadores refletirem as suas atitudes, avaliando se realmente estão cumprindo o papel que a sociedade espera e exige dele. A questão de afetividade deve ser refletida e discutida para que a escola seja um ambiente onde haja a mediação no processo de construção de conhecimento e a construção de relações de afeto entre o professor e o aluno. Relação esta que estará sempre presente no dia a dia das pessoas, ela é primordial na caracterização da personalidade e das atitudes do ser humano, visto que quando as pessoas de um modo geral se sentem amadas tudo flui, seja na rua, com os colegas, com a família e principalmente no ambiente escolar, que é um ambiente socializador.

Quando a escola promove um trabalhado coletivo com os conceitos de afetividade a produção é mais satisfatória. Os sujeitos da escola trabalham de maneira harmônica e passam a compreender que a dinâmica dos professores que mantém uma relação afetiva com seus alunos é capaz de elevar a autoestima e influenciar para o sucesso na vida escolar. De acordo com Branden (1997, p. 09) a auto estima é a soma da auto confiança com o auto respeito. Ela reflete no julgamento implícito de nossa capacidade de lidar com os desafios da vida, entender e dominar os problemas e o direito de ser feliz.

Com a autoestima elevada o aluno passa a gostar mais de si mesmo, sente o quanto o professor respeita a sua forma de lidar com situações

problemas. Segundo Grillo: “A docência envolve o professor em sua totalidade; sua prática é resultado do saber, do fazer e principalmente do ser, significando um compromisso consigo mesmo, com o aluno, com o conhecimento e com a sociedade e sua transformação” (2004, p. 78).

Na infância começa a busca pela identidade, o que poderá ser corrompido de acordo com algumas regras estabelecidas por professores, que infelizmente colocam em dúvida a capacidade de seus alunos, atingindo o otimismo da criança. Freire (1996, p. 23) nos alerta sobre o processo ensino e aprendizagem:

Desde o começo do processo, vai ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que se conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educador representa um amigo para seus alunos, portanto há uma necessidade em se atentar quanto á falta de afetividade com as crianças da turma, eis que esta pode apresentar sintomas de carência afetiva por meio de brigas, agressões e falta de interesse.

A falta de afetividade em casa e/ou na escola causa a falta de interesse no aprender. Por meio do afeto a criança se aproxima do professor e demonstra suas dificuldades, facilitando o entendimento nos conteúdos ministrados em sala, o educador passa a modificar sua metodologia a fim de atender a necessidade específica do problema do aluno, tornando o ato de aprender e ensinar mais significativos para ambos.

O professor precisa ter a capacidade de ouvir, refletir, e discutir sobre os problemas que se referem á aprendizagem para então aplicar o seu papel a partir do conhecimento que obteve. É preciso se comprometer com suas respectivas funções com foco nas necessidades deixando o aluno como o alvo central ativo do conhecimento, ele precisa não apenas saber disso mas também entender como funciona na prática por meio das estratégias de ensino e dinâmicas do professor.

As mudanças de estratégias de ensino podem contribuir para que todos aprendam. Em alguns casos, as estratégias de ensino não estão de acordo com a realidade do aluno. A pratica do professor em sala de aula é decisiva no processo de desenvolvimento dos educandos. Esse talvez seja o momento do professor rever a metodologia utilizada para ensinar seu aluno, através de outros métodos e atividades ele poderá detectar quem realmente está com dificuldade

de aprendizagem, evitando os rótulos muitas vezes colocados erroneamente, que prejudicam a criança trazendo lhe várias consequências, como a baixa-estima e até mesmo o abandono escolar. “O que é ensinado e aprendido inconscientemente tem mais probabilidade de permanecer”. (COELHO, 1999, p. 12 grifo da autora)

O profissional professor é o motivador no espaço educativo, seus desejos, anseios, metas e ideais não podem se perder ao longo do tempo, sua metodologia deve expor uma qualidade imprescindível almejando sempre melhores resultados em uma produção coletiva essencial para a formação humana. Ele transforma o aluno em um ser humano, através do amor, amor que cuida, que impõe limites, regras, sofrimento, luta, preocupação, mas que, por um outro lado transforma-o em um cidadão do bem, feliz é aquele acredita na sua totalidade, podendo tornar o próximo um ser humano mais feliz e confiante.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professores e professores: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOCCATO, Vera Regina Casari. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Rev Odontol.Univ.CidadeSão Paulo, São Paulo, v.18 n.3,p.265-274,2006.

BOCK. Ana Mercê Bahia. **Psicologias, uma introdução ao estudo da psicologia**. 13 ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2002.

BRANDEN, Nathaniel. **Auto estima.Como aprender a gostar de si mesmo**.São Paulo: Saraiva, 1997.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a eEducação infantil**. Formação pessoal e social vol.02/ Ministério da Educação e do Desporto Secretaria de Educação Fundamental.Brasília:MEC/SEF,1998.

BRASIL, **Parâmetros,Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais: ética. Secretaria de Educação Fundamental.2. ed Rio de Janeiro:DP&A, 2000.

CAMPOS, Dinorah. **Psicologia da Aprendizagem**. 30ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CHARDELLI, Rita de Cássia Rocha. **Brincar e ser feliz**. Endereço eletrônico: <http://7mares.terravista.pt/forumeducacao/Textos/textobrincareserfeliz.htm>, acesso em 07/03/2016.

CODO, Wanderley. **Educação: Carinho e Trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. Editora Ática, 1999.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**: Rio de Janeiro: wak 2008.

DICIONÁRIO AURÉLIO. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Editora Nova Fronteira. 1 cd-rom. 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2000.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba:Ed Positivo; 2009.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia da autonomia: saberes necessário á prática educativa**. São Paulo;Paz e Terra,1996 (coleção leitura).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLEMAN, Daniel, PhD. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva,1995

GRILLO, Marlene. O professor e a docência: o encontro com o aluno. In: ENRICONE, D. (Org.) **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, p. 73-89, 2004.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador, trad.** Maria Lúcia Spedo Hildorf e Antonieta Barini. São Paulo:EPU,1985.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARQUES, Mario Osorio. **A aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: UNIJUÍ, 1995

MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto Psicopedagogia**, Petrópolis,RJ,Vozes,2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 26 ed. Petrópolis. Editora Vozes, 2007.

MOSQUERA, Juan José Mourino; STOBÄUS, Claus Dieter. O professor, personalidade saudável e relações interpessoais: por uma educação da afetividade. In: ENRICONE, D. (Org.). **Ser professor**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 91-107.

MOYSÉS, Lúcia : **A auto estima se constrói passo a passo**.7^a Ed. Campinas SP, Papirus, 2001.

MUNROE, Myles . **Tornando-se um líder**. Brasília: Koinonial, 1999.

NÓVOA, Antônio. **Os professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 11-20, jan./jun. 1999.

NUNES, Valéria Sutti. **O papel das emoções na educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

PANIAGUA, Gema. **Educação Infantil: resposta a diversidade/** Gema Paniagua; Jesus Palacios: tradução Fátima Murad.-Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEIXOTO, Adão José. **Formação, profissionalização e prática docente**. Campinas, SP: Editora Alínea; Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2009.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 2008.

SALTINI, Cláudio J.P **Afetividade & Inteligência; A Emoção na Educação**.Vol.01 4ª ed.Rio de Janeiro,DP&A, 2002.

SALTINI, Cláudio J.P, **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro.Wak,2008.

SOUZA, Iracy Sá de. **Psicologia: a aprendizagem e seus problemas**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1970.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (org.). **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. Campinas: SP. Papirus, 2004.